

PROVOCAÇÕES NO CAMPO DA HISTÓRIA: NIETZSCHE E FOUCAULT PENSADORES DO PRESENTE

Provocations in the field of History: Nietzsche and Foucault, thinkers
of the present

Paula Corrêa Henning

Doutora em Educação pela UNISINOS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e
Educação em Ciências da FURG.

Kamila Lockmann

Doutoranda em Educação pela UFRGS. Mestre em Educação pela UFRGS.

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e Educação em Ciências.
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Rio Grande – RS – Brasil

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre – RS – Brasil

Endereço:

Pavilhão 4 – Sala 414
Campus Carreiros
Carreiros – Rio Grande – RS
CEP: 96201-900

Av. Paulo Gama, s/n - Prédio 12201 7º andar
Farroupilha – Porto Alegre – RS
CEP: 90046-900

E-mails:

paula.henning@ig.com.br
kamila.l@terra.com.br

Artigo recebido em 09/07/2009.

Aprovado em 07/06/2010.

RESUMO

O que é a história? Colocando-se a pensar sobre a escrita da história e os discursos que a constituem, impulsionamo-nos para a escrita desse texto. Gostaríamos de indagar o leitor acerca do seu entendimento sobre esse campo de saber e, sendo assim, provocar nosso próprio pensamento a elaborar outras possibilidades de criar a História da Educação. A partir de Friedrich Nietzsche e Michel Foucault,

apresentamos os rastros de uma História do Presente como possibilidade de criação para fazermos da história um campo de saber que resista ao retorno das origens, mas que se volta aos acidentes, aos percalços, aos desvios, às recorrências e às dispersões. Uma história que não tem a pretensão de buscar uma origem fundadora, nem mesmo desvendar a verdade que repousa em sua essência original. Pretendemos ainda evidenciar que a constituição da história é produzida por relações de poder que se atravessam, relações de força que são responsáveis pelos sentidos que atribuímos às normas, às regras, rompendo com o entendimento de que tais questões têm um significado originário. Com isso, nosso texto tem como intencionalidade maior provocar o pensamento do historiador e anunciar as possibilidades de utilizar o conceito de história do presente em Nietzsche e Foucault como uma ferramenta produtiva para o campo de saber da História. Quem sabe com essa história provocativa possamos responder como nos tornamos aquilo que somos como sujeitos de saber e sujeitos de poder na atualidade, provocando nosso pensamento a pensar a história diferente do que se pensa e se tornar diferente do que se é.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Campo de saber da História. História do Presente.

ABSTRACT

What is history? While thinking about the writings of history and the discourses that form it, I decided to start writing this text. I would like to enquire of the reader about his or her understanding of this field of knowledge, thereby stimulating our own thinking in order to create other possibilities of creating the History of Education. Based on Friedrich Nietzsche and Michel Foucault, I present the traces of a History of the Present as an opportunity for us to make history a field of knowledge which resists the return to the origins, but which looks at the accidents, the drawbacks, the deflections, the recurrences and the dispersions. It is a history that neither claims to seek a founding origin nor to disclose the truth that lies in its original essence. I also seek to show that the constitution of history has been produced by relations of power that cut across each other; relations of strength that are responsible for the meanings we attribute to the norms and rules, moving away from the understanding that these issues have an embryonic meaning. The text was therefore written with the greater purpose of provoking the thinking of the historian, and announcing the possibilities of using the concept of history of the present in Nietzsche and Foucault as a productive tool for the field of knowledge in History. Perhaps through this provocative history, we might be able to answer how we became what we are, as subjects of knowledge and subjects of power in the present, stimulating us to think of history in a different way, and to become different from what we are at present.

KEYWORDS: Education. Field of Knowledge in History. History of the Present.

[...] é de uma nova relação com o passado que se trata, um passado não mais visto como origem embrionária, como germe a partir do qual tudo evolui, mas, nietzschianamente falando, como "origem baixa", lugar do acontecimento, da emergência em sua singularidade, a partir da disputa de forças em conflito. (RAGO, 2005, p.263).

O que é a história? Colocando-se a pensar sobre a escrita da história e os discursos que a constituem, impulsionamo-nos para a escrita desse texto. Gostaríamos de indagar o leitor acerca do seu entendimento sobre esse campo de saber e, sendo assim, provocar nosso próprio pensamento a elaborar outras possibilidades de criar a História da Educação.

Afastando-se de uma história das origens, da verdade, dos grandes ídolos e deuses, Nietzsche e Foucault nos propõem uma história do presente, da proveniência, da emergência. Uma história que se volta aos acidentes, aos percalços, aos desvios, às recorrências e às dispersões. Uma história que não tem a pretensão de buscar uma origem fundadora, nem mesmo desvendar a verdade que repousa em sua essência original. Uma história que não se pretende totalizante. Uma história de peças, de recortes, de fragmentos. Uma história não das grandes revoluções ou fatos consagrados, mas uma história que podemos chamar de genealógica.

Deixando-nos conduzir por esse olhar genealógico de que nos fala Nietzsche e Foucault, gostaria de trazer nesse texto uma contribuição para o campo da História da Educação, provocando-nos a entendê-lo como necessário quando destacamos episódios, cenas e fragmentos de épocas distintas que nos ajudam a compreender a constituição do presente.

Trabalhar com a emergência de uma coisa ou de um objeto é muito diferente do que buscar revelar sua origem. Uma história da origem se “esforça para recolher nela a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, [...] sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo” (FOUCAULT, 1990, p. 17). Uma história da emergência, por outro lado, pressupõe a relação de um conjunto de forças que está em conflito, de uma série de práticas, de um conjunto de discursos, os quais, se conectando, possibilitam a emergência de algo, em um determinado tempo e espaço. Podemos pensar a emergência como

[...] o princípio e a lei singular de um aparecimento [...] é a entrada em cena das forças; é sua irrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores ao palco. Cada uma com o vigor e a jovialidade que lhe é própria. [...] Ninguém é, portanto, responsável por uma emergência; ninguém pode se auto-glorificar por ela; ela sempre se produz no interstício. (FOUCAULT, 1990, p. 24).

Aqui não há causa e consequência. Trabalhar a partir do entendimento de história proposto por Nietzsche e Foucault é muito mais complexo, pois significa “marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda a finalidade monótona; [...] espreitá-los lá onde menos se esperava e naquilo que é tido como não possuindo história” (FOUCAULT, 1990, p. 15). Significa desnaturalizar, desesencializar para poder mostrar que as coisas, os acontecimentos e os objetos são produtos da história. Isso pressupõe tomar a história como um a priori, como único a priori possível e despedir-se de todos os demais. Ou seja, é entender que não há algo a ser desvendado ou descoberto como a sua essência, sua origem ou a sua natureza. O que há é uma história que possibilitou sua emergência. Portanto lançar um olhar genealógico sobre a história é

[...] aprender que atrás das coisas há algo inteiramente diferente; não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas. (FOUCAULT, 1990, p. 18).

O que pretendemos apresentar aqui é uma maneira, entre tantas outras, de contar uma história, que talvez venha a contribuir com a História da Educação. Há, sem dúvida, diferentes formas de fazê-la, porém sempre que a fizemos, realizamos um exercício bastante perigoso, que envolve escolhas, opções, inclusões e exclusões. A história nunca é aprendida de uma maneira direta e completa, ela nunca é totalitária. “A história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba em uma página” (VEYNE, 1998, p.18). Esse processo de escolhas, de recortar algumas cenas e excluir outras, de dar destaque a certos acontecimentos e silenciar outros, é um exercício que está intrinsecamente relacionado com o sujeito que conta essa história, com suas experiências e com suas indagações, e por esse motivo não pode ser considerado um processo neutro.

Histórias são como holofotes e refletores – iluminam partes do palco enquanto deixam o resto na escuridão. Se iluminassem igualmente o palco todo, de fato não teriam utilidade. [...] É missão das histórias selecionar, e é de sua natureza incluir excluindo e iluminar lançando sombras. É um grave equívoco, além de uma injustiça, culpar as histórias por favorecerem uma parte do palco e negligenciarem outra. (BAUMAN, 2005, p. 26).

A ideia de história como trama demarca ainda o entendimento de recorte de fatos que suscitam a atenção do historiador. Um fato não é, por interessante, o que o torna interessante, é o olhar e a atenção dada por quem escreve essa história. A história é, então, seletiva e classificatória, já que a rota traçada por ela, os fatos contados ou não são produzidos por quem narra essa história. O caminho seguido não é a verdade, mas a produção de um discurso que classifica, seleciona e normaliza a história, dando voz a alguns fatos e silenciando outros. O sentido da história não é dado pelos fatos, mas pelos discursos que se constituem ao narrar a trama produzida pelo historiador. A história é, enfim, uma luta pela verdade. Uma narrativa que conta acontecimentos, fatos, tramas marcadas e selecionadas pela ótica do historiador. Assim, a riqueza de ideias e a observação das nuances valem mais do que a concepção de história do intelectual. “Se há história, se há acontecimento, se ocorre alguma coisa cuja memória se pode e se precisa guardar, é precisamente na medida em que atuam entre os homens relações de poder, relações de força e certo jogo de poder” (FOUCAULT, 2005, p. 202).

Pensando na História como algo para além do contínuo, do totalizante e do linear, parece-nos profícuo para o campo de saber da História da Educação compor outras possibilidades de compor, traçar, selecionar a narrativa sobre diferentes acontecimentos que demarcam o campo de saber histórico. Diante disso, parece-nos interessante o conceito de História do Presente pensado por Michel Foucault e já antes também problematizado por Friedrich Nietzsche. Ao querer construir textos que voltam ao passado para olhar a história, é necessário termos presente que vivemos o contemporâneo e, por isso mesmo, a história narrada por nós é produto do tempo atual. Produto de uma história que, com os olhos do presente, foi possível constituí-la.

O que é fazer uma história do presente? Essa é uma história que não compete com a História das Origens, ou como chamado por Foucault, a História das Ciências. A História do Presente busca olhar o solo epistemológico, as condições de possibilidade que se configuraram para que fosse possível o aparecimento de determinados saberes em determinados momentos.

Existe aí um deslocamento metodológico frente a uma História das Ciências. Abandonando a razão, como único instrumento para uma história da verdade, Foucault problematiza as ciências do homem através dos saberes que estas constituem. Sua intenção foca-se no nível dos discursos e das instituições (manicômio, hospital, instituições tratadas nessa fase através de uma arqueologia dos saberes que se desenvolvem em determinado momento histórico) que vêm constituindo os saberes sobre o homem como legítimos.

A verdade é aqui entendida como algo produzido por nós, em cada momento histórico. Não mais vista como algo a descobrir, desvelar e revelar o real, a verdade toma a posição de algo inventado, produzindo seu próprio objeto. Sua criação, dentro de uma ordem discursiva, assume a posição de legitimidade. Assim, importa é que o dito esteja “no verdadeiro”, nessa “polícia discursiva” de que trata Foucault (2004). A verdade é algo que nós próprios criamos, fazendo-a ter efeitos de sentido, efeitos de realidade, produzindo as verdades que, numa História das Origens, é o desvelamento do real.

Com isso, o discurso torna-se um artefato que produz coisas, forma verdades que vão compondo o cenário de determinado momento histórico. Esses discursos só são possíveis de existir em dado período, pois existe um feixe de relações que os compõe, tornando verdade seus ditos. Por isso, a História do Presente não se importa em buscar a *Verdade verdadeira* desses saberes, pois, definitivamente, ela não existe! Existem, sim, produções de sentido, uma ordem discursiva que faz tais episódios se tornarem verdades, estarem “no verdadeiro” e terem sentido para nós. É então que Foucault nos convida a estudar os discursos, trabalhar com documentos, entendendo-os como monumentos, já que os descreve compreendendo os rastros deixados pelo homem e agrupa e organiza-os em formações discursivas (FOUCAULT, 2002).

No entanto, estudar os discursos refere-se a entender que a constituição da história é produzida por relações de poder que se atravessam. Preocupando-se com as relações de força que são responsáveis pelas interpretações, pelos sentidos que atribuímos às normas, às regras, à moral, rompendo com o entendimento de que tais questões têm um significado originário (FOUCAULT, 1990), Foucault faz de Nietzsche um pensador que opera em seus textos, um pensador que forma, deforma, transforma seus dizeres. “Talvez Foucault encare Nietzsche menos como objeto de análise do que como instrumento; talvez se relacione com ele menos como o comentador com seu *interpretandum* do que como o pensador com sua caixa de ferramentas” (MARTON, 2001, p. 210) [grifo da autora].

Aprendendo com Nietzsche, Foucault transvalora todos os valores e rompe com a história linear no caminho de uma história do presente. E é precisamente aqui que o filósofo tem um lugar privilegiado no pensamento de Foucault.

Escapando da origem primeira da história, Foucault nos convida a entendê-la como documentária, mas não de uma forma linear, cronológica, mas embaralhada, riscada, reescrita e, por isso mesmo, essa história “exige paciência”. A história está aí não para cultivar e cultuar ídolos e deuses. Ao contrário, ela é uma das ferramentas para “rir da solenidade das origens” (FOUCAULT, 1990, p. 18). Desmontando uma história das origens, da Verdade, eles nos ensinaram – Nietzsche e Foucault – a olhar os acidentes, os percalços, os desvios, as recorrências e as dispersões dos acontecimentos. Uma história que diz muito de nós, dos nossos olhares sobre os objetos que criamos, das coisas que pensamos, das práticas que efetuamos. Assim, dão as costas à essência das coisas, pouco se interessam com os fatos, a *Verdade verdadeira* da história. E isso por quê? Porque não creem na existência dela. Em suma, não creem na origem. Eis como Foucault analisa Nietzsche, seu inspirador:

Por que Nietzsche genealogista recusa, pelo menos em certas ocasiões, a pesquisa da origem (Ursprung)? Porque, primeiramente, a pesquisa, nesse sentido, se esforça para recolher nela a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo. Procurar uma tal origem é tentar reencontrar “o que era imediatamente”, o “aquilo mesmo” de uma imagem exatamente adequada a si; é tornar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira (FOUCAULT, 1990, p. 17) [grifos do autor].

Rompendo com a história da origem, Foucault aproxima-se de Nietzsche para compor uma história das margens, dos desvios, dos acasos. Essa é a história do presente, a história da proveniência e da emergência. Uma história que pensa nas singularidades, nas dispersões, nos acidentes, “na singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona” (FOUCAULT, 1990, p. 15).

A história do presente não é tarefa fácil, já que é necessária a ruptura com uma história da origem, de um traçado já previamente delimitado, de uma previsão já tida antes de iniciar o percurso sobre a constituição dos saberes. De todo modo, o contar dessa história torna-se algo desafiador para o historiador, na medida em que a análise sobre os saberes não é quadriculada, sem uma previsão de aonde e como chegar. A análise sobre os saberes é, enfim, um espaço em branco.

O que até então velava pela segurança do historiador e acompanhava até o crepúsculo (o destino da racionalidade e da teleologia das ciências, o longo trabalho contínuo do pensamento através do tempo, o despertar e o progresso da consciência, sua perpétua retomada por si mesma, o movimento inacabado mas ininterrupto das totalizações, o retorno a uma origem sempre aberta e, finalmente, a temática histórico-transcendental), tudo isso não corre o risco de desaparecer, liberando à análise um espaço aberto, indiferente, sem interioridade nem promessa? (FOUCAULT, 2002, p. 45).

É o abandono de uma sistematização precisa da história dos saberes para olhar uma história das margens e dos saberes imperfeitos. Os discursos que compõem essa história são entendidos como práticas que obedecem a regras para além de obras individuais, mas campo de ação de um conjunto de regras que tornam possíveis a emergência desses saberes determinados.

Assim, as contradições não são nessa história tomadas como problemáticas, devendo-se buscar o espaço do consenso, numa figura global e uniforme. As contradições aqui são bem-vindas, buscase descrever – e não apagar – os “espaços de dissensão” (FOUCAULT, 2002, p. 175). Espaços múltiplos, simultaneidade, ponto constituinte dos saberes são alguns elementos necessários para pensar a história a partir dos instrumentos foucaultianos. Com isso, a busca dessa história é por um efeito multiplicador. Não se pretende esgotar a história dos saberes sobre o homem a partir de uma análise arqueológica ou as relações de poder na constituição de saberes a partir de uma análise genealógica. Existe um emaranhado de discursos em que é possível pensar numa diversidade de cruzamentos.

Diante disso, o entendimento de Foucault sobre acontecimentos diz muito ao se buscar uma História do Presente. Eles são as cesuras que rompem com as séries discursivas. Longe de compreender a história como casualidade, como linear, ela deve ser compreendida como atravessamentos que nos constituem – e nós as constituímos também – no mundo atual. Assim, interessa, por exemplo, olhar a história da Educação e compreender suas séries discursivas que vêm produzindo a episteme vigente. Mas interessa, também, olhar para os acontecimentos, para as cesuras: em quais momentos e por que existe uma dispersão nessa ordem estabelecida pela História da Educação? Que história vem constituindo esse espaço-tempo que, em um determinado momento, escapa à série discursiva vigente e se atravessam outros discursos?

A história, como praticada hoje, não desvia dos acontecimentos; ao contrário, alarga sem cessar o campo dos mesmos; neles descobre, sem cessar, novas camadas, mais superficiais ou mais profundas; isola sempre novos conjuntos onde eles são, às vezes, numerosos, raros e decisivos: das variações cotidianas de preço chega-se às inflações seculares. (FOUCAULT, 2004, p. 55).

Contar os movimentos da história sem buscar o retorno à origem como sustento primeiro do estudo é tarefa difícil para nós que fomos acostumados a olhar para a história como linear e milimetricamente contada. Na tentativa de romper com isso, traçar as produções de séculos passados para compreender os movimentos do presente como, muitas vezes, marcas do passado é um exercício difícil, trabalhoso, mas na mesma medida potente e provocante ao nosso pensamento

moderno de narrar a história dos fatos. Com Nietzsche e Foucault nos assentamos para compreender essa história como uma genealogia do conhecimento, demorando nas “meticulosidades e nos acasos dos começos” (FOUCAULT, 1990, p. 19). Querendo cruzar passado e presente, pretensões e (des) construções produzidas pela história, importou descrevê-la e não julgá-la. Com esta intenção, Foucault (2002) parece um excelente autor para constituir uma história que busca estabilidade, regulações e dispersões em sua trajetória. Uma relação com a história, sendo

[...] estabelecida a partir de um problema que se coloca no presente e, para a resolução, necessita voltar-se ao passado; mas, também, aqui, é de uma nova relação com o passado que se trata, um passado não visto como embrionário, como germe a partir do qual tudo evolui, mas nietzscheaneamente falando, como “origem baixa”, lugar do acontecimento, da emergência em uma singularidade, a partir da disputa de forças em conflito. (RAGO, 2005, p. 263) [grifo da autora].

O próprio pensador francês, ao final de seu último livro da fase arqueológica, intitulado “Arqueologia do Saber” (1969), diz explicitamente que se para ser filósofo é necessário voltar às origens e para ser historiador é necessário glorificar o passado, ele não é nem uma coisa, nem outra. Com isso, se entendermos a história como esse retorno à origem, como um momento de triunfo e glórias, Foucault pode ser sim acusado de não fazer história. Mas se entendermos a história como essa origem vista de baixo e, como esse espaço em branco em que as coisas não estão dadas como certas, mas que produzimos tais artefatos, é injusto condenarmos Foucault a um autor que recusa a história. Aliás, o que seriam então seus estudos sobre a doença mental, a constituição das Ciências Humanas, o sistema prisional, a história da sexualidade se não essa história vista de baixo?

As palavras não querem revelar a verdade das coisas. Sem essa pretensão a história do presente não busca a origem e os longínquos começos da história das Ciências Humanas. Foge aos relatos quase míticos, tipo: “E tudo começou com...”, “Na origem...”. A concepção de história como trama demarca, ainda, o entendimento de recorte de fatos que suscitam a atenção do historiador. Um fato não é por si interessante, o que o torna interessante é o olhar e a atenção dada por quem escreve essa história. Assim nos ensinou Foucault: “A história não tem sentido, o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas” (2002, p. 05) [grifo do autor].

Tais lutas, estratégias e táticas, que anuncia Foucault, colocam-nos a pensar acerca da história como uma narrativa contada a partir dos óculos que se põem ao olhar os acontecimentos. O que existe são as interpretações, sempre provisórias, parciais e, fundamentalmente, constitutivas de um dado momento histórico, dentro de um regime de verdade que faz com que algumas coisas sejam verdadeiras e outras falsas.

Os recortes, os limites, as séries de séries devem ser marcadas pelo aniquilamento a reducionismos como causa e consequência, como linearidade e constância da causalidade, como busca pela origem das essências. Esses são alguns dos fundamentos de uma história factual que devem ser colocados em xeque para que possamos entender que na história não existem leis. O vivido, o sublunar, a *dóxa* são marcas desse campo de saber. Nesse sentido, Foucault ajuda-me a compreender o documento como algo que se produz na história:

[...] a história mudou sua posição acerca do documento: ela considera como tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar e dizer a verdade nem qual é o seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações. O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações. (FOUCAULT, 2002, p. 7).

Assim, compreender, afinal, o que uma determinada época objetivou mesmo por trás das práticas que efetivou, definitivamente não é o entendimento de uma história do presente. Os objetos que são visibilizados pela história somente existem dentro de uma prática e de um discurso que os constitui. Está aí a importância da história, já que estudar a genealogia da produção desses objetos interessa para compreender os discursos que são aceitos.

A pretensão dessa história do presente versa a partir da interrogação diante dos discursos e práticas ditos. A preocupação não é com o que está por trás desse discurso. O estudo da história

não é, enfim, a base do *iceberg* (VEYNE, 1998). Não se pensa, aliás, não se acredita ou sequer se suspeita que os discursos ditos não são bem esses ou que não foi exatamente isso que se queria dizer. Não há nada oculto. Há práticas e discursos que vão constituindo os objetos dos quais falam. Assim, bem retrata Paul Veyne:

A história-genealogia a Foucault preenche, pois, completamente o programa da história tradicional; não deixa de lado a sociedade, a economia, etc., mas estrutura essa matéria de outra maneira: não os séculos, os povos nem as civilizações, mas as práticas; as tramas que ela narra são a história das práticas em que homens enxergaram verdades e das suas lutas em torno dessas verdades. Esse novo modelo de história, essa arqueologia, como chama seu inventor [...] não se especializa na prática, no discurso, na parte imersa do iceberg, ou antes, a parte oculta do discurso e da prática é inseparável da parte emersa. (VEYNE, 1998, p. 280).

Diante disso, cabe destacar ainda a compreensão de história não somente com a ideia de passado. Entendemos o passado com os olhos do presente. Pensando assim, considera-se a busca pela história dos objetos do passado uma tentativa de compreender as condições de possibilidade que os produziram e levaram-nos a constituir o presente. Sem essa intenção, a história não tem razão de existir. A história do presente possibilita a mudança de foco da história: de uma visão essencialmente explicativa, busca as condições de possibilidade que constituem determinados discursos em determinado momento. Olha-se para a história, enfim, para compreensão do pensamento, para pensar sobre o dito, o escrito, o feito, o inventado, o produzido. Olha-se para ela para pensar sobre as condições de possibilidade que tornam possível a existência de determinados acontecimentos. Que condições de possibilidade de espaço e tempo foram sendo tecidas para se pensar dessa forma e não de outra no campo dos saberes em dado momento?

Olhar para a história ao avesso, não procurando resgatar os fins da história e a *Verdade verdadeira* dos fatos, mas pretendendo problematizar uma história do presente que constitui e legitima alguns discursos que contam como verdade dentro de uma mesma episteme no que se refere ao campo de saber que a história debruça seu olhar.

Quais *quadros*, que *séries de séries* são constituídos na Genealogia da Educação? Enfim, quais discursos vêm sendo narrados pela Educação e tornados verdadeiros, como saberes legítimos. Que recorrências, que descontinuidades, que retratos são hoje evidenciados por esse campo de saber? Essas parecem questões pertinentes quando se trata de olhar para a história com os olhos do presente. Por isso, digo que autores como Nietzsche e Foucault nos convidam a dançar à beira do abismo, nos convidam a olhar para o campo da história ao avesso, provocando irrupções em nosso pensamento tão linear e evolucionista que procuramos em nossos traçados históricos. Rompendo com a linearidade, tão cara à tradição histórica, os filósofos nos inquietam com esse novo olhar, ou pelo menos com esse olhar do presente para a história...

Parece-nos sugestivo o convite fazer da história um campo de saber de irrupções, descontinuidades e emergências. Entretanto, o convite para a criação de uma nova história é instigante, à medida que, em o aceitando, somos jogados a dançar na beira do abismo... "equilibrar sobre tênues cordas e [criar] possibilidades e dançar até mesmo à beira de abismo (NIETZSCHE, 2001, p. 241).

Assim, há que nos perguntarmos: Como aprendemos história na Educação Básica? Onde podemos perceber o campo da História como o acontecimento de uma emergência e de uma proveniência? Ou ainda, como nós, professores, podemos fazer da disciplina de História um campo de saber que opera com aquilo que Nietzsche e Foucault nos ensinam: um campo do presente, uma história vista de baixo, um saber que se preocupa em provocar o pensamento e sacudir a quietude das calmarias de uma história linear?

Parece-nos que ser provocados por tal história abala nossas certezas e maiores verdades deste campo de saber. Olhá-la, entendendo-a como descontinuista e marcada por discursos que compõem as verdades de cada época é o convite que nos deixou dois filósofos e historiadores importantes para produção de nosso tempo. Quem sabe com essa história provocativa possamos responder como nos tornamos aquilo que somos como sujeitos de saber e sujeitos de poder na atualidade, provocando nosso pensamento a pensar a história diferente do que se pensa e tornar-se diferente do que se é.

REFERÊNCIAS:

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **A ordem do discurso**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Em defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias**: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. São Paulo: Discursos Editorial e Editora UNIJUÍ, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RAGO, Margareth. Libertar a história. In.: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luis Lacerda e VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.